

KARL JASPERS E A ORIENTAÇÃO INTRAMUNDANA QUE NASCE DA CIÊNCIA

José Mauricio de Carvalho¹
Larissa Ellen Silva e Silva²
Jaqueline Giselle Farias Fernandes³

Resumo: O século passado foi um tempo em que se acentuou uma crise de cultura provocada pelas desilusões com a tese do progresso permanente, pelas dúvidas nascidas com metodologia utilizadas pela ciência moderna devido à mudança de paradigmas trazidos pelas ciências humanas, pelas descobertas da Física e pela desorientação provocada pela crise da fé do ocidente. Jaspers enfrentou essas dificuldades desenvolvendo sua meditação em três eixos: a orientação no mundo, o sentido da existência e o significado da transcendência. Este trabalho examina o primeiro dos três eixos, mais especificamente investiga, como o conhecimento científico, os seus usos e limites podem ajudar o homem a se conduzir na existência, orientando o homem em sua trajetória existencial.

Palavras-chave: Ciência. Orientação. Existência. Filosofia. Paradigmas

1 Considerações Iniciais

O problema aqui investigado é o papel que a ciência assume, segundo Karl Jaspers, como orientadora do homem no mundo. O conhecimento científico possui interesse prático, e como ele explica em *Filosofia y Ciência* (1953, p. 135): "as ciências se desenvolveram durante o século XIX, em sua maior parte, sem a Filosofia". Desde então ela se tornou fundamental, pois facilita a relação do homem com o mundo, mas a ciência mesmo e sua lógica representam mais que esse interesse prático? Além do óbvio e do imediato o que mais o conhecimento científico oferece? Para o filósofo, além dessas questões imediatas da vida, a ciência ajuda a desvendar o que é real, fornecendo indicações amplas para viver, o que vai além do aspecto prático pelo qual é mais conhecida e valorizada.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, graduado em Pedagogia, em Filosofia e em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Professor do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves e professor aposentado da Universidade Federal de São João Del-Rei. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0631305118814377>.

² Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo : <http://lattes.cnpq.br/6414964115041468>.

³ Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3911317952894624>..

Além de revelar a realidade, a ciência oferece a liberdade, primeiro a que vem no domínio do mundo depois enquanto liberdade do espírito diante dele, como comenta o filósofo no ensaio de 1946, *Sobre el espíritu europeu*. Ali escreve (1953, p. 174): "A ciência proporciona a liberdade. Para o espírito não é importante a liberdade extrínseca em esferas reduzidas que proporciona o saber como domínio das forças da natureza. O decisivo é, pelo contrário, a liberdade interior."

Estamos diante da seguinte hipótese de pesquisa: Jaspers, considera como pressuposto que a ciência em geral oferece uma visão importante sobre a realidade do mundo e que essa visão amplia a liberdade humana. Vamos procurar identificar o quanto ele consegue justificar esse entendimento e como aponta os limites da contribuição da ciência.

O método empregado neste artigo é o analítico. Consiste em procedimento usual nas pesquisas filosóficas, embora tenha amplitude e seja empregado em outras situações. Nesse caso pretende clarear aspectos implícitos na meditação do filósofo estudado resolvendo problemas ali presentes. O que pretende mesmo a análise? Examinar as partes de um todo para conhecer sua natureza, funções e relações, isto é, determinar os elementos que se organizam numa totalidade dada ou a construir. Em nossa pesquisa, o propósito é o estudo do papel que Jaspers confere à ciência na orientação para viver. O método de procedimento é o bibliográfico. Sendo pesquisa bibliográfica, a investigação se concentra nos livros de Jaspers, de alguns de seus comentadores e estudiosos do problema. A forma de tratamento é filosófica.

Como representante da escola fenomenológica existencial, Jaspers entra em questões fundamentais do movimento: a crise de cultura que emerge das desilusões com o otimismo idealista, a crise da ciência moderna com o aparecimento das ciências humanas e dos novos paradigmas da Física e a crise de fé do ocidente. (1) O enfrentamento dessas questões se faz em três eixos de investigação: a orientação no mundo, o sentido da existência e o significado da transcendência. O principal desse trabalho é parte do que o filósofo elaborou como primeiro eixo de suas investigações, ou melhor, ele quer entender como a ciência pode colaborar para a orientação no mundo, já que Emmanuel Kant explica no ensaio *Que significa orientar-se no pensamento* que muitas vezes seguimos princípios subjetivos da razão, quando os objetivos são insuficientes. Jaspers se coloca, então, o problema de saber o que há de objetivo na formulação subjetiva da razão. (2)

O essencial deste trabalho se concentra no que o filósofo escreveu no segundo e terceiro capítulos do Primeiro livro de *Filosofía* para considerar como a ciência fecunda uma especulação ampla sobre a Verdade, que sirva de orientação ao homem em meio às dificuldades de nosso tempo. A questão também aparece em outros textos seus como: *Iniciação Filosófica*, *Introdução ao Pensamento Filosófico*, *O médico na era da técnica*, *Razão e Contra Razão no nosso tempo*, nos ensaios *Filosofia y Ciencia* (de 1948) e *Condiciones y posibilidades para un nuevo humanismo* (de 1949).

2 O sentido e a orientação da ciência

Orientar-se na existência é uma questão fundamental em todos os tempos, mas ainda mais importante em tempos de crise. Nos dias em que vivia, o filósofo notava clara desorientação como se lê em *Subjetividade e corporalidade em Karl Jaspers*, capítulo de *Subjetividade e Corporalidade na Filosofia e na Psicologia* (2014, p. 170): "a consciência humana situa o sujeito num momento da história marcado pelo vazio de sentido, um tempo de desorientação onde inexiste um cenário claro na vida". E sobre a desorientação do homem contemporâneo, comentou ainda o filósofo em numa conferência de 1949, denominada *Condiciones y posibilidades para un nuevo humanismo* que o homem dos seus dias (1953, p. 188): "parece encaminhar-se para o nada. Apreende o nada no desespero e no triunfo da destruição."

Poderia a ciência ajudar na orientação do homem hodierno? O ponto de partida de Karl Jaspers, no capítulo 2 de *Filosofía*, é o que a ciência oferece uma reflexão ampla sobre o mundo. Para Jaspers um saber sobre o mundo, ainda que de índole filosófica, não pode prescindir do que a ciência oferece em nosso tempo. Percebe-se (1958, p. 151): "que a ciência alcança somente até onde alcança o saber positivo", porém dela, muitas vezes, se espera, sem motivo para tanto, mais que isso. Para entender esse mais é necessário investigar o sentido da ciência, pesquisa com caráter filosófico, pois a atividade científica não inclui o problema do sentido.

O processo de integração das ciências numa unidade exige um conhecimento médio do que se sabe em cada tempo, o que é uma construção histórica, pois depende do contexto em que se forma o saber a fim de estabelecer a inter-relação entre as ciências. É sobre as necessidades que o mundo impõe em cada tempo que se estabelecem os desafios da existência empírica que as ciências pretendem responder, diz

o pensador: “Aqui e nas tarefas da sociedade presente, se enraízam as ciências do nosso tempo. Dos impulsos que aspiram a uma concepção de mundo surgiram as ciências especiais (...)” (ibid.)

O sentido da ciência se liga à explicação que essa síntese histórica propicia, caso contrário será apenas a compreensão possível com base nas questões particulares de cada ciência, conforme mostra Jaspers (1958, p. 152): “Assim, pois, o sentido da ciência está enlaçado na unidade das ciências. Sem esta, o sentido só se refere a pontos de vista particulares e técnicos, partindo dos quais se consegue uma finalidade.”

A pergunta pelo sentido da ciência nos coloca frente ao problema da unidade do mundo, sem entrar nessa questão o assunto se restringe ao que pode oferecer cada ciência. Na busca da unidade, a razão precisa superar o que a afasta da verdade, ensina o filósofo em *Razão e Contra Razão no nosso tempo* (s.d., p. 52): “Mas o que visa ela (a razão)? Ela tende voluntariamente para a unidade. A força de seu ímpeto e a prudência do seu caminhar depende do que for essa unidade” e o filósofo completa adiante a reflexão sobre a busca da verdade na unidade (s.d., p. 53): “sabe que (a razão) trilha caminho errado em todas as concepções prematuras e parciais do uno, se elas forem entendidas como únicas e absolutas. Por ela reclama o uno que é tudo”. E na busca dessa unidade que vem de uma visão completa da ciência, feita sem o devido cuidado, incorre-se em erros e equívocos. Eis um exemplo: como a linguagem científica é uma linguagem lógica e a lógica é imprescindível para o desenvolvimento das ciências, pode parecer que a unidade da ciência decorra das explicações lógico-formais que ela contempla, mas não depende. Insistir nesse caminho leva a erros. O pensamento lógico presente nas ciências não promove a unidade delas, Jaspers explica em *Filosofia* (1958, p. 153): “um fato, como tal, todavia não é importante cientificamente. Porém pode ser, em todas as circunstâncias, importante para uma certificação metafísica do ser”.

O que o filósofo sugere, em seguida, que a busca pelo sentido implica em abertura aos assuntos metafísicos, expressa na procura pelo ser. Uma tal investigação ultrapassa o interesse e as possibilidades das ciências particulares, cada qual orientada para o estudo de um aspecto da realidade empírica. Eis o que diz o filósofo:

Nelas quero conhecer a existência empírica, porque tenho que me orientar universalmente no mundo para me aproximar do ser, quer dizer, que a orientação intramundana tem seu sentido na unidade das ciências

porque prepara caminho para a metafísica. (JASPERS, 1958, p.153)

Essa temática foi também considerada no ensaio *Filosofia y Ciência* onde ele explica que preciso me orientar por um pensamento que não pode se estruturar sem a colaboração da ciência, mas não se reduz a ela:

As ciências não abarcam toda a verdade, somente a exatidão que se impõe necessariamente à inteligência e possui validade geral. A verdade compreende muito mais. Ela tem que se mostrar à razão que filosofa (JASPERS, 1953, p. 146).

Em *O médico na era da técnica*, Karl Jaspers trabalha com uma variação dessa questão. Ele se pergunta como deve o médico levar adiante a investigação sobre os transtornos psicológicos quando as técnicas científicas mesmo não conseguem avançar no estudo desse objeto. Ele explica (1998, p. 47): "A psiquiatria científico-natural olha, primeiro, como decisivo o estudo do cérebro e de todo o corpo e acha-o suficiente". Mais adiante no mesmo livro porém afirma: "a maioria dos processos mentais não se tornou, por esta via, acessível até o presente" (ibid.). E o problema que explica nesse livro não se limita ao tipo de metodologia que vai acompanhar o estudo dos processos mentais, mas as relações o médico deve manter com o paciente quando o entende um companheiro de destino.

Para a tarefa que tem que realizar, cada ciência utiliza métodos específicos, como esclarece o filósofo em *Razão e Contra Razão em nosso tempo* (s.d., p. 53): "Se colhe critérios universais da sua essência própria (da razão) parece, todavia, não lhes conferir um valor absoluto"(3) E aí duas conclusões possíveis: a primeira é que o desenvolvimento da ciência, especialmente a moderna, se fez com o afastamento das preocupações metafísicas. A segunda é que referências metafísicas foram importantes, em vários momentos da história, como ponto de partida das ciências singulares. E hoje, as referências filosóficas apontam para a superação da metafísica, na construção da imagem do mundo que a Ciência constrói. (4)

O que costura a relação entre a prática científica e a reflexão filosófica é a procura da verdade como se diz em *Totalitarismo e liberdade no pensamento de Karl Jaspers* (2012, p. 213): "O exercício da razão filosófica não se separa da busca da

verdade. É isso que assegura a superação dos dogmatismos, da presunção, do fanatismo, do que afasta o homem de sua condição mais verdadeira ".

O mundo atual dificulta a busca da verdade, tanto porque é difícil apreender o impositivo submetendo-o à crítica e com consciência dos limites do conhecimento científico, quanto porque as superstições, angústias e utopias modernas contribuem para a falta do sentido da realidade e a avaliação objetiva da prática científica. (5) Somem-se a isso outras dificuldades que o filósofo assim enumera: não há desde Hegel uma visão sistêmica da realidade onde o todo seja considerado como foi em outras épocas, como nos sistemas filosóficos da Idade Média, por exemplo; as ciências fornecem ideias sobre o mundo (1958, p. 155): "porém não há uma ideia da existência empírica em geral ". A prática científica não promove a unidade porque a orientação fatural perde-se quando se depara com a transcendência. A orientação científica pode brotar da metafísica, porém não avança sem considerar que o saber sobre o mundo precisa deixar de lado o discurso metafísico.

O sentido de orientação de que trata o autor é mais do que conhecer algo, pois inclui o conhecimento de si mesmo no mundo. Escreve Jaspers (1958, p. 156): "Por virtude da orientação intramundana da *consciência geral*, cobra a *existência* o espaço que necessita para se clarear metafisicamente".

A essência da ciência, o papel que ela tem como orientação no mundo, permite identificar um salto na existência vivida, revelando seu sentido oculto e lacunoso. Eis o que ele diz o filósofo (1958, p. 157): "o mistério revelado pertence a essência da ciência orientadora no mundo, que, por tanto, como a falta de *existência* da consciência, vazia e indiferente, pode ser preparação ou salto para a possível existência".

A investigação científica que não estava inicialmente atenta ao impulso pragmático, verifica que sua aplicação coincide com as previsões da tecnologia. E o sucesso da ciência com a previsão dos fatos acabou trazendo dificuldades, pois, o que a ciência propicia com o saber impositivo não é a verdade, mas um saber sobre os mecanismos do mundo (6). Por outro lado, não se pode negar sua importância, mesmo admitidos seus limites, que Jaspers assim menciona (1958, p. 160): "o conhecimento impositivo é uma irrecusável pedra angular da orientação no mundo, e é igualmente certo que tem também seus limites".

O preciso e objetivo conhecimento que oferecem as ciências da natureza sobre a realidade não são capazes de transformar o seu objeto numa máquina transparente

reveladora da unidade na intimidade do mundo. A investigação científica não mostra essa unidade, explica o filósofo (1958, p. 161): "A unidade da respectiva ideia não existe como existindo ou impondo-se objetivamente, senão como coisa buscada. Não é a unidade que abre uma lacuna, mas a multiplicidade que insta a unidade". Embora a unidade não venha do conhecimento das ciências, esse conhecimento delas é fundamental como ponto de partida da procura pela unidade no mundo. Observe-se que o sentido da existência se torna perigoso quando desconsidera o conhecimento positivo das ciências. "A verdade da *existência* se faz insegura quando evita o saber impositivo ou se choca com ele". (ibid.)

Falar de uma unidade de sentido é um desafio metafísico, nele toda a realidade é figuração do ser. Isso não autoriza, entretanto, reduzir o mundo a essas figurações. O empirismo popular e o filosófico então se aproximam numa autoridade asfixiante, mas a unidade não provém dessa autoridade. Ela só pode provir de uma síntese filosófica que combina os resultados empíricos.

O filósofo se indaga se o conhecimento provoca desassossego e perturba a marcha natural da existência. Algumas críticas ao conhecimento do mundo sugerem que sim. Porém, não lhe parece que tenham razão, apenas uma falsa impressão se forma quando há tentativa de reduzir a verdade aos dados do saber positivo. E isso provoca angústia porque o saber impositivo não pode oferecer a verdade completa. Pergunta-se, em seguida, o filósofo se o saber pode tirar a alegria de viver, que é outra das críticas ao saber? Ele diz que o saber pode até perturbar um homem particularmente, mas as previsões feitas com base no saber positivo fornecem apenas uma resposta aproximada do que vai acontecer. Nunca fornece certeza exata de como as coisas se passarão. O contrário é o mais provável pois (1958, p. 166): "assim como o saber pode destruir, pode também levar a existência a sua profundidade, a levá-la a sua verdadeira transcendência". A terceira crítica ao conhecimento é que ele anula o encanto da dimensão mais profunda da vida. Os instintos, por exemplo, quando reduzidos a conceitos, se transformam em algo que não vale a pena? Isso somente pode ser encaminhado dessa forma quando se toma como saber legítimo os resultados de falsas crenças e não o verdadeiro sentido das ciências.

Considerando inadequadas essas críticas ao conhecimento científico, o filósofo conclui de forma contrária que (1958, p. 167): "a verdade da existência se faz insegura quando evita o saber positivo ou se choca com ele". O saber positivo não alcança a

verdade da existência, mas se encontra no caminho dela. A conclusão do filósofo nesse capítulo é que (1958, p. 168): "a importância existencial da orientação intramundana é que com ela termina o saber, e ante o abismo do nada, a existência se transforma em possibilidade de transcender".

E qual o significado desse transcender sobre o mundo? Todo conhecimento que o saber positivo da ciência pode oferecer, não importa o método que utilize, ele não se fundamenta a si mesmo. E não se fundamenta porque todo saber sobre o mundo não alcança sua totalidade, é sempre um saber limitado e parcial. O todo que se consegue é sempre um entre tantos outros, já que o conhecimento é conhecimento de um existente, uma síntese entre outras possíveis.

E isso se explica porque o saber positivo das ciências sempre está diante de um limite, no caso das ciências naturais, esse absolutamente outro que é a matéria, no caso das ciências humanas, que o objeto não é o absolutamente outro, encontra seu limite na liberdade do outro que está para além do conhecimento e dos métodos da ciência.

Diante desses limites e superadas as críticas ao conhecimento que as ciências oferecem, Jaspers resume, indica dois caminhos por onde avançar nas orientações da ciência. O primeiro passa por diferenciar o que pode e o que não pode ser conhecido, deixando aberto o caminho do progresso tanto para conhecer o que pode como a abertura para aquilo que, mesmo sem se revelar, propicia aproximação heurística. Nesse caso é preciso partir da advertência de Kant no esclarecimento sobre a existência (1958, p. 171): "o mundo é fenômeno, o qual não pode ser o ser em si". O outro é o caminho da liberdade que se aplica ao mundo do homem, mas não ao mundo da natureza.

3 Ciência e Realidade

A discussão sobre os estratos da realidade e a unidade que eles possibilitam e que foi feita no livro 3 de *Filosofia* foi precedida de uma discussão de caráter fenomenológico que foi feita no livro primeiro de *Filosofia*. Esse aspecto fenomenológico da unidade da consciência entra em questões distintas das que serão tratadas a seguir e foi tema do artigo *Karl Jaspers e a orientação filosófica no mundo*, valendo a pena recordar:

Desde modo, na polaridade Eu-mundo, cada um dos lados será tratado como unidade e como totalidade. Não é possível manter a permanência de um dos mundos, além de não poder ter um dos lados como único ou total. Assim, o ser mundo não é a realidade objetiva, única e nem surgirá como consciência cognoscível. No entanto, este mundo não será para nós o mundo único, nem quando se apresenta em forma imaginária e sistemática nem quando se investiga. É que o mundo singular de cada sujeito se entrelaça na intersubjetividade (CARVALHO E SILVA, 2014, p. 42)

No terceiro capítulo do primeiro livro de *Filosofia*, Jaspers tratará das ciências e de sua articulação com a realidade de outra maneira. Ele, inicia, se perguntando se alguma ciência consegue tratar da totalidade do real. Apenas a Filosofia, responde, pois somente ela (1958, p. 175): "parece abarcar a totalidade do saber teórico, segundo seu verdadeiro sentido". A Filosofia não pode, contudo, prescindir do saber fragmentado que lhe fornece as ciências, mas, muitas vezes história afora, ela desconsiderou as indicações das ciências e permaneceu numa falsa visão do mundo. (7) Por sua vez, quem se dedica à Ciência sabe que participa de um saber sobre a totalidade, e compreende qual é o lugar que ocupa nessa tarefa. O lugar de cada ciência no campo epistemológico, ou sua localização entre as Faculdades de uma Universidade, é identificado pelo homem de ciência, mas uma divisão ampla do conhecimento, apontando a tarefa de cada ciência, é tarefa filosófica. Trata-se, nesse caso, de um enorme esforço de organização do conhecimento semelhante ao feito no sistema hegeliano.

Jaspers acredita que o mundo é infinito, fechado, único e as ciências são o instrumento que o homem dispõe para conhecê-lo e dominá-lo. Para levar adiante semelhante tarefa as ciências dividem-se em esferas de objeto e empregam métodos diferentes para estudar seus objetos. Esse olhar para o real dividido, levado adiante pelas ciências, não pode esconder, para o filósofo, que (1958, p. 179): "há uma única realidade empírica, na qual é possível que tudo entre em relação com tudo, e não vários mundos que não se tocam". Essa é a impressão quando se examina o estudo de cada um dos estratos, ou mundos.

A situação anteriormente descrita nos coloca diante de uma circunstância complexa, a existência de um único mundo e de olhares setorizados para ele que nos dão a impressão de haver vários mundos. As diversas ciências, mesmo atuando juntas não alcançam a totalidade do real, não formulam uma imagem do mundo, a não ser

numa suposição hipotética que não serve para orientação de como se conduzir nesse mundo único, mas sobre o qual se forma visões parciais (8). Essas considerações do livro *Filosofia* foram resumidas como se segue no sétimo capítulo da *Iniciação Filosófica*:

A totalidade unitária do mundo a que pertencem todas as camadas suscetíveis de investigação e conhecimento não constitui uma unidade que possa ser abrangida por uma teoria universal capaz de servir como ideia única orientadora da investigação. Não há uma imagem do mundo, há apenas uma sistemática da ciência. (JASPERS, 1987, p. 70/71)

As ciências particulares não conseguem retroceder a uma origem absoluta, nem elaborar uma unidade que sustente sua construção, mesmo que o resultado dessa suposição seja somente uma ideia. Eis o que ele afirma (1958, p. 179): "A orientação intramundana não pende desses pontos, sem que se desenrole indeterminada e pluridimensionalmente entre eles, sem contato direto com ambos, por si mesma, como um conjunto."

Os métodos empregados pelas ciências não separam o mundo mesmo, mas somente permitem vê-lo separado. E dependendo dos paradigmas empregados pelas ciências para dividi-lo esse mundo se mostra de um modo distinto. Em outras palavras, não há uma única forma de seccionar a realidade e elas revelam diferentes leituras da realidade como ocorre com as figuras do caleidoscópio quando o movimentamos. Isso significa que a relação pluridimensional e o aninhamento em que estão as ciências conduz a que toda divisão que se apresente como mais importante possa ser parte de outra e uma outra, por sua vez, que inicialmente era uma subdivisão se eleve a princípio mais geral.

A variação dessas construções sobre a totalidade do real se mostram no tempo e assim, entende Jaspers, é melhor que se perceba:

O ideal de uma articulação das ciências é estar em cada caso com consciência histórica nas posições originárias da orientação intramundana e apreender no conjunto o sentido da orientação no mundo já conseguida, não a multidão de casos especiais. (JASPERS, 1958, p. 181)

O que é invariável nessa descrição das ciências é o elemento impositivo, o dado da observação, todas as explicações e teorias sobre ele, ou crenças que se articularam a partir dele, são variáveis. O filósofo identifica duas raízes na ciência, uma que busca o válido como a Matemática, outra que se apropria da vida e da ação humana, como a História. As ciências da primeira raiz não contêm grandes variações, mas as da segunda sim. E essas ciências somente conseguem servir de orientação enquanto permanecem no espaço da objetividade.

As ciências que tratam da relação com a transcendência, o filósofo denomina de dogmáticas, são a Teologia e a própria Filosofia. Ele explica que (1958, p. 183): "a autêntica dogmática se dirige à totalidade do que existe da existência com sua transcendência". Dela faz parte inclusive aquela porção do Direito que ordena a vida social e do Estado, em resumo (1958, p. 184): "a dogmática é, portanto, o que quer que seja, o limite das ciências investigadoras do Espírito". A lógica não pertence a esse tipo de ciência porque é intemporal e vazia, embora possa impor algum tipo de saber com intenção metafísica.

Sendo um único mundo e uma única ciência, vimos que ela, na prática, se apresenta dividida em várias ciências ou, como prefere o filósofo, é possível supor uma divisão na ciência universal dando origem a muitas ciências particulares em relação com a geral. No que se refere ao estudo de cada ciência, os métodos adotados em cada área, é que entusiasma e permitem chegar a um conhecimento do mundo. No entanto, o método em si mesmo não é uma ciência qualquer, pois essa se consolida como uma ideia (1958, p. 186): "A ciência particular se constitui por virtude da ideia, a qual como uma objetividade indeterminada, se manifesta indiretamente no desenvolvimento da ciência".

O filósofo observa que cada uma dessas ciências particulares, em algum momento da história, foi considerada ciência universal, tentando fazer um discurso sobre a totalidade do mundo, mas nenhuma ciência particular pode chegar a tanto. As afirmações das ciências particulares estão ligadas a um objeto e quando pretendem ir além e alcançar outros objetos produzem resultados inadequados e superficiais. Um exemplo, em nosso tempo, de ciências que pretendem se tornar ciências universais pode ser encontrada em concepções de Psicologia e da Sociologia, leia-se Psicanálise e Marxismo, quando tais teorias pretendem alcançar a totalidade representada pela alma humana ou da vida social. Diz Jaspers (1958, p. 188): "A alma do homem é, por assim

dizer, um todo: a psicologia e a sociologia quiseram apoderar-se dela pelo conhecimento".

A pretensão da Psicanálise e do Marxismo de serem verdades totais traz um risco para o homem, pois assumindo tal propósito elas funcionam como uma espécie de superstição, como explica o filósofo no oitavo capítulo da *Introdução ao pensamento filosófico*:

Essa maneira de pensar é perigosa para o homem. Opera com base em uma imagem que se faz dele e que o faz servo de uma concepção totalitária da espécie. Essa concepção o leva a desaparecer em meio a clichês de uma superstição científica. Se a adotarmos seremos arrancados de nós mesmos (JASPERS, 1993, p. 93).

A orientação que a ciência oferece não é a de um saber total, que desvenda o núcleo mais íntimo do homem. A orientação que ela dá é fundamental para nossa relação com as coisas, mas deve permanecer limitada a esse aspecto. Não é possível às ciências tocarem naquele núcleo em que somos nós mesmos em nossa humanidade, explica o filósofo (1993, p. 94): "Nenhuma ciência pode atingi-lo, e estão especialmente privadas dessa possibilidade a psicologia e a sociologia. Dessa posição e só dela decorrem para aquelas ciências a verdadeira razão de ser e a limitada significação."

4 Estratos da Realidade

Na segunda parte do terceiro capítulo do primeiro livro de *Filosofia*, Jaspers examina o que ele denomina *Princípios de uma articulação da Realidade*. Esses princípios oferecem uma orientação intramundana, isto é, princípios para orientar nossa relação com o mundo. Ele inicia retomando a polaridade natureza - espírito, referindo-se à primeira como algo que é estranho para mim e que não tem consciência de si, e ao segundo como aquilo que conheço e que tem consciência de si mesmo. O espírito que conhece também se percebe objeto conhecido, um outro diferente de si mesmo. Ele assim o diz (1958, p. 191): "como espírito é o acessível desde dentro, no qual eu sou para mim mesmo como um outro de mim mesmo, dentro de mim mesmo."

A natureza que possui distância do espírito, que é o eu, é caótica e somente se revela nas variações fenomênicas, às quais a ciência moderna se especializou em medir como explica o filósofo (1958, p. 192): "o impenetrável e o caótico só pode aparecer em

uma regularidade estatística como ordem. O que existe nesta infinitude e o que é o caos mesmo segue sendo enigmático para ele". Por caótico e impenetrável, o filósofo entende um fundo na natureza que não se mostra no discurso da ciência e é completamente outro em relação ao espírito. Contudo, o espírito como a natureza pode ser descrito de forma puramente mecânica, e nesse caso também ele perde sua dimensão mais profunda, que igualmente tem. Dimensão de profundidade que para o espírito, enquanto liberdade, é diversa da natureza, cujo fundo se esconde para além do espírito que a conhece.

Para o filósofo, a abordagem da realidade através do dualismo espírito-natureza não dá conta de explicar como a realidade surge para nós, pois ela se mostra melhor em quatro partes separadas por fendas que não se juntam. Nenhuma dessas partes é, essencialmente, mais importante e pode submeter as outras. As mais elevadas, somente existem nas inferiores, constituindo uma realidade quádrupla a que o filósofo se refere como mundos do mundo:

A realidade, que é objeto da orientação intramundana, é uma realidade quádrupla: matéria, vida, alma e espírito são as formas heterogêneas da objetividade real. Como tal não existem por sua vez como objetos, mas como mundos no mundo, cada uma coerente em si. A tendência a excluir as fendas e tomar uma dessas realidades por autêntica, em comparação com a qual as outras são irrealis e produto da comparação com ela, divide a realidade mesmo. (JASPERS, 1958, p. 193-194)

Esses mundos se relacionam numa espécie de hierarquia em que o espírito pressupõe a alma, essa a vida e a vida a natureza. A natureza é compreensível quantitativamente e pode ser descrita por leis, a vida depende de processos físico-químicos da matéria, a alma, por sua vez, experimenta a interioridade das vivências e o espírito se mostra no pensamento lógico. De modo que o homem possui essas quatro partes da realidade, ele é matéria, vida, consciência psicológica e razão. E os outros entes possuem algumas dessas partes, mas não todas elas. Somente o homem tem em si todos os estratos da realidade.

Quando se considera os estratos de matéria e vida, o que eles têm em comum é o estarem no tempo e espaço, enquanto alma e espírito não se prendem à realidade do espaço. Embora pareçam constituir uma única realidade, o filósofo considera que se referem à realidades distintas, a primeira envolvendo os sentimentos, impulsos e desejos e o segundo referindo-se ao entendimento e a vontade. A alma é algo absolutamente

singular, enquanto o espírito, ainda que se manifestando em cada pessoa, possui elementos compartilhados com os outros. O espírito é que assegura a comunicação objetiva entre os homens. É igualmente o espírito quem questiona o sentido da realidade, mas somente se desenvolve sobre uma alma singular.

Quando observamos a realidade, há uma diferença facilmente identificada entre a matéria sem vida e a que tem vida, mas entre os outros estratos a diferença é mais sutil e pode ficar encoberta. No que se refere à distinção entre alma e espírito o filósofo explica que:

Para compreender o salto entre alma e espírito é preciso distinguir rigorosamente entre expressão, em sentido estrito, e transmissão. Ambas são a corporalidade, visibilidade e audibilidade; em suma, realidade empírica de alma e espírito. Mas a expressão da alma não é pensada ou querida, simplesmente está aí, mas o espírito a interroga e dá respostas (JASPERS, 1958, p. 197).

Há uma diferença notável entre os homens e os animais, mas quando se considera as espécies vivas poucas vezes se percebe propriamente um salto. Essa proximidade com o animal não pode esconder, contudo, esclarece o pensador, que o homem somente se mostra enquanto tal quando mergulha na transcendência. Por outro lado, a dimensão espiritual que lhe permite ir até a transcendência se sustenta sobre as mais baixas que estão no tempo e no espaço. Por isso temos um sério problema quando se estuda patologias somáticas que têm origem psicológica, ou na alma humana. Nesses casos podemos supor que as causas sejam de natureza material, quando na verdade não o são.

Algumas vezes trata-se o espírito como se ele não tivesse realidade. O fato se deve a que o espírito parece distante da matéria e da vida, mas a história do espírito mostra que ele é parte da realidade. A realidade parece se restringir a natureza e o espírito não parece real. Contudo, o espírito é também real explica, o filósofo (1958, p. 200): "é existência empírica e movimento no tempo e nos indivíduos espaciais (...) e portanto, real, livre e histórico". Os quatro estratos da realidade, algumas vezes são agrupados dois a dois, matéria e vida, alma e espírito, outras vezes surgem sós, e essas separações ajudam a entender algumas coisas no mundo, mas somente isso. Entre esses mundos constituídos pelos estratos e o mundo como unidade há um salto, uma fenda que os separam. Isto é, não se pode dizer que esta seja a única maneira de organizar os

estratos, é necessário entender que a compreensão do que o mundo é não é uma articulação rígida, fechada em um só entendimento, mas sim um agrupamento esquematizado com flexibilidade. Essa atitude parcimoniosa ante o real é característica da meditação desenvolvida por Karl Jaspers, como ele explica no ensaio autobiográfico, de 1941, *Sobre mi Filosofía* (1953, p. 271): "assim minha filosofia não é ontológica, senão penetrativa: não sabe o que existe porém aclara o envolvente". No que se refere ao espírito, enquanto estrato, sua diferença fundamental em relação aos demais (1958, p. 201) "é a singularidade da liberdade que se manifesta no entendimento, a vontade e as ideias que as penetram".

O reconhecimento desses estratos ajuda a orientação que a ciência pode oferecer na compreensão do mundo. Quanto ao estudo específico do espírito ele não pode ser isolado dos demais estratos, como muitas vezes a tradição filosófica fez. Por sua vez, como é do espírito que provém o reconhecimento dos estratos é necessário considerar essas divisões como provisórias, admitindo-se outras formas possíveis de organização do mundo. Há duas referências fundamentais quando se pensa o espírito, ele está sempre em movimento, ou em outras palavras, (1958, p. 203) "o espírito se sabe constante inquietude" e o espírito se percebe na cisão sujeito-objeto e ainda (1958, p. 203): "nela, o espírito se realiza por atos que estão dirigidos intencionalmente aos objetos."

Quando se olha como objeto de si mesmo, o espírito nele identifica três esferas, o tipo de pensamento, a ação e o reconhecimento do tempo, cada esfera com suas subdivisões: o conceito que é *pensado* logicamente, o objeto *admirado ou estético*, que está fechado em si, e o *símbolo ou mítico* que é uma forma tratar o eterno, mas de modo inacabado e evanescente. Quando considera a atividade, o espírito identifica a *ação* que é uma direção a ser seguida, a *contemplação* que é uma forma de voltar-se a si mesmo e a imaginação que é uma forma de *criação*. Na articulação com o tempo o espírito experimenta uma tríplice articulação: uma abertura permanente ao *futuro* (sem término), a realização *presente* (conclusão) e o reconhecimento *passado* como processo já realizado (infinito).

O espírito, enquanto existência empírica, se mostra como pessoa singular e como comunidade de pessoas. Diz o filósofo (1958, p. 205): "A esfera da personalidade e a esfera da comunidade são as duas formas da realidade da existência empírica da pessoa" (p. 205). Quanto à materialidade do mundo, ela aparece para o espírito como um outro,

que ele percebe distinto de si. E como outro a natureza material possui caminho distinto, tem uma história, mas diferente da história que ele espírito, vive. Como criações do espírito, Jaspers reconhece quatro, conforme se lê no seu texto (1958, p. 206): "As esferas tradicionais do espírito: conhecimento, ética, arte e religião seriam já produtos complexos quando se as mede com as diferentes ações assinaladas." São, portanto, quatro os produtos do espírito na sua relação com o mundo, mas nem sempre a convivência entre esses produtos é pacífica, frequentemente comportam conflitos como nos exemplos que lista:

As revelações religiosas exigem o que para a inteligência parece absurdo; em contrapartida a inteligência exige ausência de contradições e consequências. O impulso religioso que anular o erótico, que por sua vez, se rebela contra aquele. As normas éticas afastam as guerras e as ações políticas, que por sua parte, cobram sentido por virtude de necessidades bem fundadas. Em luta efetiva trata o homem de interpretar-se como ente espiritual e justificar-se a si mesmo (JASPERS, 1958, p. 207).

Cabe, finalmente, observar que as construções e entendimentos sobre tais esferas do espírito foram enraizadas em uma investigação orientadora do mundo, como indicaremos a seguir. As lutas que se observam entre elas se tornam mais intensas quando se absolutizam as esferas e não se as toma como partes do que realmente são, diferentes expressões do espírito. E como nas pessoas essas esferas prevalecem de modo distinto, isto é, formam hierarquias diversas, isso faz com que haja conflitos, conforme se privilegie uma esfera mais do que as outras. Desses conflitos uma unidade possível surge como orientação para a conduta intramundana como, por exemplo, (1958, p. 210): "os motivos religiosos para o conhecimento científico, a razão como um salto na mística, a arte como intuição religiosa, o mito religioso como conteúdo artístico". Ou então desse outro modo: "as obras científicas, por exemplo, têm aspectos que permitem considerá-las obra de arte, e as obras de arte, mais que tudo as poesias, (...) são (...) também modos de conhecimento" (ibid). Se as esferas produzem verdades relativas, cada qual a sua, a unidade comporta uma unidade espiritual que aponta para a transcendência.

5 Ciências da realidade

Admitindo-se os quatro estratos da realidade como sendo matéria, vida, consciência e espírito, podíamos reconhecer algumas ciências efetivamente orientadas para elas: Física e Química para o primeiro, Biologia para o segundo, Psicologia para o terceiro e Ciências do Espírito para o último. Afirma Jaspers (1958, p. 213): "Sem embargo, as ciências empíricas não constituem uma unidade nem uma clara série". E há ainda de se notar que entre as primeiras e a última há um abismo, uma grande distância que frequentemente aparece na divisão entre as Ciências e as Letras, mantendo-se aqui também o reconhecimento de que é uma divisão aberta, que comporta outras formas de organização.

As ciências da natureza pretendem desenfeitizar o mundo, descrevê-lo objetivamente, já que o mundo mesmo nada fala de si. Diz o filósofo (1958, p. 214): "A natureza não dá nenhuma resposta, não me fala como existência, não é espírito". O espírito mostra os fundamentos da natureza empírica expressa em leis e teorias gerais. Por isso, a Ciência se vê as voltas com provas, observações e demonstrações. As técnicas estão frequentemente juntas com essas teorias e são úteis, mas não são elas que são critério de verdade para as ciências.

Quanto ao espírito, por sua vez, como a última realidade depende, em sua existência empírica, das realidades anteriores a ele, que lhe circunscrevem e condicionam sua existência, então as ciências do espírito deveriam considerar a unidade, mas frequentemente não o fazem. Seu tema é compreender o sentido para servir como orientação intramundana a partir de quatro questões. Contudo, a ciência do espírito quando analisada face a articulação das outras ciências, na realidade, só existe de fato na diversidade que resulta da investigação dos documentos, obras, trechos, instituições dos homens. E essa compreensão começa com a resposta a essas questões com a comprovação empírica, segue-se a interpretação racional dos monumentos e criações literárias, em seguida, o filósofo considera a (1958, p. 217) "participação compreensiva na ideia espiritual realizada" e, por fim, cumpre distinguir se a espiritualidade "é imagem e figuração do sido, que eu contemplo, ou até que ponto se acredita com ela numa base para uma comunicação e apropriação existencial" (id.). O resultado dessas questões são formas distintas de compreensão assim resumidas:

Cada uma dessas quatro questões se refere a uma compreensão distinta: a primeira compreende uma objetividade fática como possibilidade; a segunda, o compreensível, válido como tal, que se faz evidente para a consciência geral; a terceira, a possibilidade da participação compreensiva na totalidade respectiva de um espírito, a quarta o propriamente incompreensível da mesmidade que só pela compreensão se pode alcançar (JASPERS, 1958, p. 218).

O Espírito não alcança objetividade mais que indiretamente, e sempre historicamente como função de si mesmo. A importância da investigação peculiar das ciências do espírito é buscar o espírito em suas particularidades. Na investigação científica sobre a existência, naquele sentido mais profundo realizado pelas ciências do espírito, envolve-se a personalidade inteira e não se pode tomar o espírito um objeto qualquer da natureza. Quando se afasta da dimensão da existência a ciência do espírito entra numa faixa de risco, pois pode-se concluir que a ideia possa resumir toda a realidade. Na orientação intramundana é preciso separar a existência concreta da ideia e não se afastar da realidade completa. Diz o filósofo (1958, p. 221): "A ciência do espírito investiga, orientando no mundo, tanto mais profundamente quanto mais rigorosa e inflexivelmente conheça e reconheça o espírito no real". Para as existências singulares, o caminho para a clareza é único, indireto e inapreensível objetivamente, o que dá a cada um a responsabilidade de construir a própria clareza existencial. As ciências do espírito somente conseguem servir para uma orientação intramundana quando não perdem a tensão com os elementos empíricos. Os problemas mais sérios que ela encontra para fazer a orientação é quando se fecha na naturalização do mundo ou no dogmatismo.

Segue-se uma lista de ciências que o filósofo entende serem naturais e que, além das já mencionadas, incluem mineralogia, botânica, zoologia, antropologia, astrofísica, geografia e geologia. Enquanto essas se firmam em leis fixas, as ciências do espírito não funcionam da mesma forma. Os métodos usados pela filologia, estão da base dos demais métodos empregados pelas ciências do espírito. Essas como dificilmente alcançam unanimidade parecem limitadas enquanto examinam os movimentos da história de uma forma nunca fechada. Mas para além dos movimentos feitos pelos povos que os identifica e diferencia o filósofo enxerga um movimento mais amplo da humanidade que aponta no sentido da unidade.

Do mesmo modo que o mundo não se fecha nos mundos concebidos pelo filósofo, o mesmo ocorre nas ciências. E no desejo inicialmente apresentado de conhecer a totalidade da realidade, se mostra a impossibilidade de realizá-lo revela igualmente a importância que tem esse mundo (ou totalidade) que não se pode conhecer.

Entre as várias ciências existentes, o filósofo enxerga duas que possuem a pretensão da universalidade. Essa pretensão leva a equívocos, posto que todo ser empírico tem um lado natural, mas o conhecimento da natureza é de caráter espiritual. São aspectos distintos que compõem o conhecimento. E todo aspecto do mundo para aparecer como objeto da consciência está dividido, parte é do real, parte da natureza afastada do espírito que ela não é. Assim, o que faz Psicologia e Sociologia apresentarem-se como ciências totais, que incluem as outras, é uma crença que leva ao dogmatismo e fanatismo. É o que ele enxerga nos desvios ocorridos na Psicanálise e no Marxismo, ambos conhecimentos fundamentais, mas que se perdem quando têm a pretensão de serem saberes totais. Essas ciências igualmente não conseguem esclarecer o sentido da existência, pois quando entram nos espaços da liberdade deixam de ser ciências.

Essa totalidade que a Psicologia e a Sociologia não alcançam já foi denominada história da cultura, mas pode ser denominada história do espírito. Essas ciências têm, contudo, uma particularidade, são ciências que trabalham no limite dos campos epistemológicos. A Psicologia, por exemplo, não é nem Biologia, nem Espírito e a Sociologia está entre as condições naturais e espirituais da sociedade. (9) E portanto, a orientação que oferecem está a meio caminho da liberdade e transcendência, não chegam lá, mas vão nessa direção. Fica, portanto, o desafio de completar o conhecimento que essas duas ciências podem oferecer. E esse complemento, essa abertura somente será feita pela Filosofia. Se essas duas ciências entram no espaço da liberdade e transcendência entram no espaço que é da Filosofia e as posições que emitem são filosóficas e não científicas.

Para o filósofo todas as ciências são igualmente importantes, não há prevalência de umas sobre as outras. O que as distingue de outros saberes é o levarem a resultados exatos e inequívocos. Onde há discurso científico esse deve ser rigoroso. Se em determinados momentos da história algumas ciências ganharam mais visibilidade que outras, mas essa é uma impressão que nasce em elementos que estão além da própria ciência. Logo, diz o filósofo (1958, p. 237): "não existe uma hierarquia das ciências há

que se possa dar validade universal". As ciências, em seus movimentos históricos, surgem para nós em muitas organizações hierárquicas, mas nenhuma definitiva. A Filosofia, por sua pretensão de mostrar a totalidade do mundo, mesmo em sentido lato sendo tida por ciência, por conta dessa pretensão está afastada do rol das ciências.

O filósofo conclui o capítulo terceiro do primeiro livro de *Filosofia* lembrando que embora o conhecimento científico proponha teses que não remontam a um passado muito distante, a Física considera os últimos vinte anos ou pouco mais, os estudos de Filosofia precisam retroceder a sua origem, dois e quinhentos anos atrás.

O saber da orientação intramundana mantém vínculo com a existência empírica. As ciências possuem suas respectivas histórias, que são parte da história geral da ciência. Contudo, enquanto realidade vivida a ciência é condicionada pelas realidades econômica, política, social e pedagógica, mas sua origem é o apelo íntimo do investigador ou apelos transcendentais, como explica o filósofo. Para ele, a ciência nasce de (1958, p. 240): "impulsos existenciais e ideias transcendentais e não pode ser concebida satisfatoriamente por virtude de um saber orientador num mundo, senão que, como autêntico saber, só se aclara filosoficamente".

6 Considerações finais

Nos três capítulos iniciais do primeiro livro de *Filosofia*, base deste artigo, Jaspers explica que o homem se orienta no mundo a partir dos conhecimentos que a ciência fornece. Essa orientação que vem da Ciência depende de um conhecimento médio do que se sabe nos dias em que vive. Isto significa que o saber médio que serve como orientação é uma construção histórica, ele varia nos diversos contextos e depende das relações existentes entre as ciências particulares. O conhecimento que as ciências oferecem, apesar das limitações, forma uma síntese fundamental para nosso relacionamento com as coisas e necessária para a sobrevivência da humanidade como lembra Hannah Arendt no capítulo que dedicou a Jaspers em *Homens em tempos sombrios*. (10)

O saber médio de cada tempo tanto considera o mundo como unidade, como o próprio saber é ele próprio uno, mesmo que nasça de diversas ciências. E aqui começam as dificuldades experimentadas em nosso tempo. O advento das ciências modernas não produziu uma separação no mundo, mas somente nos deu acesso a ele em campos bem

definidos e separados. E, dependendo da ótica empregada para organizar as diversas ciências e ordenar os campos epistemológicos, vamos encontrar um mundo diferente. Isso significa que o filósofo admite diferentes maneiras de juntar a realidade, tão diferentes como as figuras que se formam no movimento do caleidoscópio. Então percebemos o limite dessa orientação, embora o conhecimento de cada ciência seja impositivo e válido, as teorias que as ciências elaboram a partir desse conhecimento, as crenças que nascem com esse saber, modificam-se na história. Para entender o que oferecem essas teorias que a ciência permite formular sobre a unidade do mundo, o filósofo propõe quatro estratos como sua expressão: matéria, vida, alma e espírito.

Essa realidade quádrupla permite outras formas de organização, a mais simples contrapõe a natureza ao espírito. A natureza mostra variações fenomênicas, que a ciência aprendeu a medir, correlacionar e prever. Porém, em si mesma, a natureza medida e descrita com a variação matemática é impenetrável. Aos olhos do espírito a natureza é o absolutamente outro, que sem voz, nada diz de si mesma. Fica ao espírito a tarefa de descrever seus movimentos e ele o faz com as ciências da natureza.

Quando o olhar se limita aos dois primeiros estratos, nota-se que eles se movem no tempo e espaço, os dois últimos possuem uma realidade temporal, mas não ficam presos ao espaço. Embora alma e espírito pareçam uma única realidade, elas são distintas, a alma é o universo estudado pelo psicólogo e o espírito é objeto da Filosofia. Parece a nosso autor que, embora essa divisão nos mostre a natureza de um lado e o espírito de outro, suas ciências sejam diversas, os estratos de cada parte não podem ser tomados separadamente. Quando o olhar não considera a relação entre os estratos fornece uma percepção insuficiente do que é o mundo e não funciona bem como orientação intramundanda.

As ciências que estudam a natureza trabalham com provas, observações e demonstrações. Utilizam técnicas precisas de observação e intervenção no seu objeto de estudo e identificam uma variação regular e objetiva do mundo, construindo, a partir daí, critérios de verdade. O mesmo se passa com o espírito, mas a realidade não tem os mesmos elementos observados na natureza, mas o oposto a eles. Portanto, considerados isoladamente o estudo dos estratos não oferecem boa orientação intramundana.

Se a orientação que a ciência pode dar precisa considerar a unidade dos estratos, quando ao impulso original para investigar o mundo é trajetória única e singular que deve ser seguida pelos existentes particulares. As ciências do espírito e da natureza

servem de orientação intramundana quando mantêm entre si uma tensão que não anula nem submete os estratos uns os outros.

Finalmente, Jaspers observa que embora cada tempo construa diferentes hierarquias das ciências, privilegiando alguma, não se pode propriamente falar de prevalência de uma ciência sobre as demais e é preciso tratar as hierarquias como resultado dos movimentos da história. Para entender essa realidade em mutação, ajuda o estudo da história das ciências e os condicionamentos históricos pelas quais passou. As ciências dependem da intimidade do investigador ou os apelos transcendentais que ele sente como ser vivente.

Nesse processo de orientação que a ciência fornece, combina-se com outros elementos da cultura, tarefa para a qual parece fundamental, para Jaspers, o papel desempenhado pela Universidade, nela é que, como se comenta em *O espírito vivente, a universidade segundo Karl Jaspers* (2011, p. 131): "se constrói o vínculo entre a verdade científica e a verdade filosófica".

Notas

1 Sobre essa crise da ciência decorrente das limitações da compreensão moderna de ciência escrevemos em *Karl Jaspers, as bases da orientação científica para viver* que (2016, p. 116): "Jaspers estuda essas críticas e as limitações que a ciência tem, mas cuida de esclarecer como ela colabora e contribui para a orientação existencial. Trata-se, pois de retomar as posições de Kant, considerando as dificuldades interpostas por sua geração", já que a filosofia kantiana não enfrentava as questões das chamadas ciências humanas. Também chamamos atenção nesse artigo para o fato de que as considerações de Jaspers sobre a ciência (ibid)"são importantes para o filósofo clássico". O atual artigo continua e aprofunda essas questões.

2 O problema que Jaspers pretende enfrentar nessa parte do livro *Filosofia* é o que foi deixado por Emmanuel Kant no ensaio *Que significa orientar-se no pensamento*. Naquele ensaio Kant explica que somos chamados a tomar decisões e caminhar na vida indo além dos princípios objetivos que a razão possui, admitindo verdades construídas conforme um princípio subjetivo da razão. Eis o que afirma Kant (1985, p. 76): "Porque a razão, na determinação de sua própria capacidade de julgar, não está neste caso em condições de submeter seus juízos a uma máxima determinada segundo princípios objetivos do conhecimento, mas unicamente um princípio subjetivo de diferenciação"

3 Essa questão foi examinada em *Karl Jaspers: as bases da orientação científica para viver* onde fica claro que a orientação que a ciência oferece se insere na orientação filosófica para viver e se explica como nasce a orientação filosófica para viver. Ali se lê (2016, 119): "Importante é que a orientação que a ciência oferece não concorre, mas é parte da orientação filosófica para a vida. Afirma Jaspers: *a orientação filosófica nasce da obscuridade em que cada um se encontra, do desamparo que sente quando, em carência de amor, fica o vazio do esquecimento de si.*"

4 Eis o que se lê em *O espírito vivente, a universidade segundo Karl Jaspers* sobre essa relação entre Ciência e Filosofia (2011, 138): "embora distintas a Filosofia precisa da Ciência para não cair no misticismo ou credices sem fundamento e esta necessita da Filosofia para não pretender ser o que não pode ser, um saber total. O que significa para a Ciência propor um saber total? Significa ir além do onde ela pode ir para se apresentar como uma concepção de mundo (...). Explica o filósofo no livro *Introdução ao pensamento filosófico* que "a ciência deve renunciar ao que não tem meios de atingir."

5 A verdade é o tema fundamental da meditação filosófica de Karl Jaspers. Considerou-se esse assunto na segunda parte do artigo *Jaspers, Ciência e Filosofia* (1999). O pano de fundo da análise de Jaspers é que a realidade da verdade. Afimar-se na ocasião (1999, p. 20): "Embora não possa ser apreendida pelo

sujeito concreto, Jaspers admite uma verdade a iluminar e a presidir o pensamento reflexivo. A verdade existe, maravilha, consola e sustenta." Essa verdade não é uma verdade determinada, mas o ser verdade. Essa verdade ilumina derivações como o são a verdade da existência e a verdade da ciência. A verdade da existência é um absoluto para o indivíduo e surge para ele diante de outro absoluto, o mundo. A verdade da ciência é aquela que nasce das leis da ciência, a verdade adstrita às regras da ciência. Portanto, do ponto de vista prático a verdade da ciência é o resultado das leis da ciência, mas ela bebe sua existência da própria realidade da verdade que de muito a ultrapassa.

6 Em *Psicologia de las concepciones del mundo*, Jaspers explica que conhecer os mecanismos do mundo através do conhecimento tecnológico é um conhecimento que é próprio de muito poucos (1967, p. 225): "A imagem técnica do mundo é diferente, porque o mundo técnico se faz tão gigantesco que apoderar-se dele, dominá-lo, em princípio é para poucos, observá-lo em sua totalidade não o consegue ninguém."

7 No sétimo capítulo da *Iniciación Filosófica*, Jaspers explica a importância da crítica que a ciência fornece como forma de superar falsas concepções de mundo (1987, p. 70): "A ciência crítica, ensina-nos, à medida que tem progredido, que não só ruíram por falsas todas essas imagens mas também as unidades sistemáticas do conhecimento, que, de fato incumbiam às ciências, se diferenciaram em pluralidade fundamental que só muito recentemente foi inteiramente reconhecido."

8 A preocupação com uma visão de mundo que viesse das ciências e que funcionasse como orientação para o homem culto também aparece na meditação de Ortega y Gasset sobre a universidade cultura. Em *Mision de la Universidad*, Ortega examina as respostas à crise de cultura diagnosticada em *La rebelión de las masas* e espera que uma síntese das ciências forneça uma orientação para o homem de hoje que (1994, v. IV, p. 322): "não possui o sistema vital de ideias sobre o mundo e o homem correspondente ao tempo." O filósofo espanhol mostra o que espera de uma Universidade (1994, p. 325/326): "I. transmissão da cultura; II. ensino profissional; III. investigação científica e educação dos novos homens da ciência". Pois o conhecimento científico bem ministrado forneceria uma visão (1994, p. 344): "da plena cultura do tempo, para descobrir com precisão o gigantesco mundo presente". Trata-se de uma síntese no mesmo sentido concebido por Jaspers e que em Reforma da Inteligência se expressa claramente (1994, p. 495): "O enorme bloco de conhecimentos que integram a ciência atual, só uma mínima parte dá um rendimento útil." Quando a Jaspers a questão que se coloca é fundamentalmente a unidade do mundo e a incapacidade da razão de percebê-la. Jeanne Hersh aponta no livro Karl Jaspers que essa tensão entre o mundo e o conhecimento é influência de Kant. O filósofo alemão demonstrou que o mundo (1982, p. 30): "não se constitui em totalidade diante dos progressos do saber. O próprio saber não poderá terminar em totalidade."

9 A discussão sobre a cientificidade da Psicologia encontra-se formulada na introdução da *Psicopatologia Geral* conforme foi explicado em *Karl Jaspers e a epistemologia da Psicologia* em cinco itens (2014 b, 188-189): "Delimitação da Psicologia, Conceitos fundamentais da Psicologia, Preconceitos e Pressuposições, Métodos e Tarefa da Psicopatologia. É esta reflexão que será examinada neste trabalho, aprofundando-se e avaliando-se, depois de um século em que foi pensada, a fundamentação científica da psicologia". Sobre a cientificidade da alma se comenta (2014 b, p. 192): "Os estudos de Psicologia nos colocam diante de um problema epistemológico importante: como considerar a alma ou consciência um objeto de investigação se não se pode observá-la diretamente". Jaspers esclarecerá que é através daquilo que se torna observável no mundo, nos fenômenos somáticos que acompanham os fatos psíquicos, no comportamento, ações e expressões linguísticas.

10 No capítulo a que se refere às contribuições de Jaspers, no seu livro *Homens em tempos sombrios*, Arendt considera muitas coisas, entre elas o papel que o filósofo atribui à ciência e a técnica modernas como elementos de orientação profunda ao homem contemporâneo, capaz de se poder falar de uma história com perspectiva universal pelo consenso entorno à ciência. Ela escreve (2010, p. 97): "Se se destruísse a dimensão de profundidade a partir da qual se desenvolveram a ciência e a tecnologia modernas, o provável é que a nova unidade da humanidade não conseguiria sobreviver sequer tecnicamente"

Referências

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

CARVALHO, José Mauricio de. Jaspers, Ciência e Filosofia. **Crítica**. n. 14, p. 5-36, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, jan./mar 1999.

_____. O espírito vivente, a universidade segundo Karl Jaspers. In: ARAÚJO, José Carlos Souza. **A universidade iluminista** (1929-2009). v. II, Brasília, Liberlivro, 2011.

_____. Totalitarismo e liberdade no pensamento de Karl Jaspers. CARVALHO, José Mauricio de (org.). **Poder e moralidade, o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade**. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. **Subjetividade e Corporalidade na Filosofia e na Psicologia**. São Paulo, Filoczar, 2014.

_____. Karl Jaspers e a epistemologia da Psicologia. **Humanística e Teologia**. 35: 1, 187-202, 2014, b

_____. Karl Jaspers: as bases da orientação científica para viver. Um diálogo com Kant. **Haser, Revista Internacional de Filosofía Aplicada**. n. 7, p. 111-144, Sevilla, Universidad de Sevilla, 2016.

CARVALHO, José Mauricio de e SILVA, Márcia Maria. Karl Jaspers e a orientação filosófica no mundo. **Saberes interdisciplinares**. São João del-Rei, IPTAN, n. 14, 37-44, jul/dez. 2014.

HERSCH, Jeanne. **Karl Jaspers**. Brasília: Editora da Universidade, 1982.

JASPERS, Karl. Filosofia y Ciencia. In: **Balance y Perspectiva**. Madrid, Revista de Occidente, 1953.

_____. Condiciones y posibilidades para un nuevo humanismo. In: **Balance y Perspectiva**. Madrid, Revista de Occidente, 1953.

_____. Sobre el espíritu europeo. In: **Balance y Perspectiva**. Madrid, Revista de Occidente, 1953.

_____. Sobre mi Filosofía. In: **Balance y Perspectiva**. Madrid, Revista de Occidente, 1953.

_____. **Filosofía**. Puerto Rico, Ediciones de la Universidad, 1958.

_____. **Razão e Contra Razão no nosso tempo**. Lisboa, Minotauro, s.d.

_____. **Psicología de las concepciones del mundo**. Madrid, Gredos, 1967.

_____. **O médico na era da técnica**. Lisboa, Edições 70, 1985.

_____. **Iniciação Filosófica**. Lisboa, Guimarães, 1987.

_____. **Introdução ao pensamento filosófico**. 9. ed., São Paulo, Cultrix, 1993.

KANT, Emmanuel. Que significa orientar-se no pensamento? In: **Textos Seletos**. Petrópolis, Vozes, 1985.

ORTEGA Y GASSET, José. Misión de la universidad. In: **Obras Completas**. v. IV, 2ª reimpresión, Madrid, Alianza, 1994.

_____. Reforma da inteligência. In: **Obras Completas**. v. IV, 2ª reimpresión, Madrid, Alianza, 1994.